

**ESPIRITUALIDADE E ESCUTA: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-PASTORAL E
CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE AO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS
E ADOLESCENTES**

**SPIRITUALITY AND LISTENING: THEORETICAL-PASTORAL FOUNDATIONS AND
CONTRIBUTIONS OF PSYCHOANALYSIS TO THE INSTITUTIONAL CARE OF CHILDREN
AND ADOLESCENTS**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.063-009>

Jonas Pereira de Oliveira Júnior

Mestre em Sociologia (Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2010, bolsa CAPES); Doutorando em Sociologia (Universidade do Porto, Portugal), com especialização em Docência no Ensino Médio e Superior (UNIFAHE). Licenciado em Sociologia (FAVENI) e graduado em Teologia (STBNB) e Economia (UFPB). Pastor filiado a Ordem dos Pastores Batistas do Brasil-OPBB/PE

E-mail: jonasjunior@icloud.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6037303167923790>

Resumo

Este artigo articula, por meio de ensaio teórico associado a relato de experiência, a fundamentação teórico-pastoral da escuta com o acolhimento institucional de crianças e adolescentes, propondo um diálogo entre a tradição teológica do cuidado de almas, a clínica psicanalítica e as ciências humanas. Parte-se da tese de que a escuta não se reduz à recepção auditiva de um discurso, mas constitui uma prática teologicamente fundada e, ao mesmo tempo, eticamente comprometida com a alteridade do outro. Mobilizam-se autores da teologia pastoral, da psicanálise, da filosofia dialógica e da sociologia compreensiva para situar teoricamente essa escuta. A metodologia é qualitativa e descritiva, fundamentada na revisão teórica e na análise de um caso emblemático vivenciado ao longo de oito anos de atuação na direção de uma instituição de acolhimento para crianças e adolescentes na capital da Paraíba. Os resultados evidenciam, a partir do caso de um adolescente encaminhado pela Vara da Infância e Juventude, que a escuta qualificada permite compreender comportamentos inicialmente interpretados como inadequados como expressões de experiências prévias de privação e sofrimento. Conclui-se que a escuta, seja pastoral, clínica ou institucional, constitui a própria condição de possibilidade do cuidado, integrando disposição disciplinada, ambiente relacional sustentador, resposta ética ao apelo do outro e postura epistêmica compreensiva.

Palavras-chave: Acolhimento institucional; Escuta pastoral; Espiritualidade; Infância e adolescência; Psicanálise.

Abstract

This article articulates, through a theoretical essay associated with an experience report, the theological-pastoral foundation of listening with the institutional care of children and adolescents, proposing a dialogue between the theological tradition of the cure of souls, psychoanalytic clinical practice, and the human sciences. It is argued that listening cannot be reduced to the auditory reception of a discourse, but constitutes a theologically grounded practice that is, at the same time, ethically committed to the alterity of the other. Authors from pastoral theology, psychoanalysis, dialogical philosophy, and comprehensive sociology are mobilized to theoretically situate this listening. The methodology is qualitative and descriptive, based on a theoretical review and on the analysis of an emblematic case drawn from eight years of experience directing a shelter institution for children and adolescents in the capital of Paraíba, Brazil. The results show, through the case of an adolescent referred by the Juvenile Court, that qualified listening allows behaviors initially interpreted as inappropriate to be understood as expressions of previous experiences of deprivation and suffering. It is concluded that listening, whether pastoral, clinical, or institutional, constitutes the very condition of possibility of care, integrating disciplined disposition, a sustaining relational environment, an ethical response to the call of the other, and a comprehensive epistemic stance.

Keywords: Childhood and adolescence; Institutional shelter; Pastoral listening; Psychoanalysis; Spirituality.

1 INTRODUÇÃO

A escuta não se reduz à recepção auditiva de um discurso nem ao registro empático de uma queixa. Ela constitui, antes, uma prática teologicamente fundada e, ao mesmo tempo, um lugar de convergência entre a tradição do cuidado de almas (*cura animarum*), a clínica psicanalítica e as ciências humanas. Essa compreensão não é apenas teórica: ao longo de oito anos de atuação na direção de uma instituição de acolhimento de crianças e adolescentes na capital da Paraíba, aprendeu-se que a escuta espontânea é uma forma de acolher e compreender as demandas e necessidades de sujeitos em situação de vulnerabilidade social e violação de direitos.

Este artigo articula essas duas dimensões, a fundamentação teórica da escuta pastoral e sua aplicação ao acolhimento institucional, partindo da premissa de que pensar teoricamente a escuta exige situá-la nesse entrecruzamento, evitando tanto a sua espiritualização abstrata, que a reduziria a um dom inato, quanto a sua dissolução em mera técnica de aconselhamento. Trata-se de uma disposição cultivada, um ministério, e não um atributo natural.

O texto está organizado em duas partes. A primeira apresenta a fundamentação teórica da escuta, mobilizando a tradição teológica do cuidado de almas, a clínica psicanalítica, a filosofia dialógica e a

sociologia compreensiva. A segunda apresenta um relato de experiência construído a partir da vivência profissional na direção da referida instituição de acolhimento, no qual essa fundamentação teórica é posta à prova diante de um caso concreto, evidenciando como comportamentos inicialmente interpretados como inadequados podem ser compreendidos, por meio da escuta qualificada, como expressões de experiências prévias de privação e sofrimento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA ESCUTA

Pensar teoricamente a escuta exige situá-la no entrecruzamento entre a tradição teológica, a clínica psicanalítica, a filosofia dialógica e a sociologia compreensiva, conforme se desenvolve nas subseções a seguir.

2.1 A ESCUTA COMO PRÁTICA TEOLOGICAMENTE FUNDADA

No interior da tradição cristã, a escuta antecede a palavra. A *Regra* de Bento de Núrsia abre-se com o imperativo *obsculta* — "escuta" —, indicando que a vida espiritual se inaugura numa atitude de receptividade anterior a toda ação. É Dietrich Bonhoeffer, contudo, quem oferece talvez a mais influente teologia protestante da escuta. Em *Vida em comunhão* (Bonhoeffer, 2016), ele sustenta que o primeiro serviço devido ao próximo na comunidade é o de escutá-lo, e adverte que quem se mostra incapaz de escutar o irmão tornar-se-á, por fim, incapaz de escutar a Deus. A escuta participa, assim, da própria mediação entre o humano e o divino: ouvir o outro é já um modo de obediência. Essa intuição é prolongada por Nouwen (2008), para quem o cuidado pastoral se enraíza na hospitalidade, a criação de um espaço acolhedor no qual o outro possa dizer-se sem ser invadido, e na figura do "curador ferido", que escuta a partir da própria vulnerabilidade reconhecida. Não por acaso, foi a partir dessa matriz que o movimento da Educação Pastoral Clínica e a recepção da escuta empática rogeriana reconfiguraram a teologia prática do século XX, deslocando o pastor da posição de quem responde para a de quem, primeiramente, acolhe.

2.2 A ESCUTA NA CLÍNICA PSICANALÍTICA

É nesse ponto que o diálogo com a psicanálise se torna fecundo. Em larga medida, a própria psicanálise nasce como teoria e prática da escuta: ao substituir a sugestão hipnótica pela associação livre, Freud deslocou o eixo do tratamento da palavra do médico para a fala do paciente e instituiu a escuta como instrumento clínico. À regra fundamental dirigida ao analisando, dizer tudo o que vier à mente, sem seleção nem censura, corresponde, do lado do analista, a *atenção uniformemente flutuante* (Freud, 1996): uma escuta que suspende deliberadamente o juízo seletivo do ouvinte, recusando-se a privilegiar de antemão este ou aquele conteúdo, para que o inesperado e o recalado possam emergir. Há, portanto, na escuta

analítica, uma renúncia disciplinada ao protagonismo do que escuta, renúncia que encontra forte ressonância na ascese pastoral do silêncio.

Winnicott (1975) acrescenta a essa disposição a dimensão ambiental: o *holding* e o *espaço potencial* nomeiam o enquadre relacional que sustenta a fala do outro, oferecendo-lhe a segurança necessária para que se exponha sem se desorganizar. Para o autor, o desenvolvimento emocional depende de um ambiente suficientemente bom, capaz de sustentar, proteger e acolher; comportamentos aparentemente transgressores podem, nessa chave, ser lidos como sinais de privação e como apelos dirigidos ao ambiente, de modo que a escuta não se limita às palavras, mas inclui a leitura cuidadosa das ações, silêncios e repetições. Lacan (1998), por sua vez, distingue o ouvir do escutar: escutar é o ato que permite ao sujeito ouvir, em sua própria fala, a verdade que o habita, de modo que o escutante não fornece sentidos, mas franqueia a palavra. Reik (1948) condensou essa exigência na imagem do "terceiro ouvido", aquele que percebe o não dito sob o dito. Em todos esses registros, a escuta aparece como ato ativo e custoso, e não como passividade.

Transposta para o cuidado de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade — contexto que será retomado no relato de experiência apresentado adiante —, essa herança freudiana e winnicottiana sugere que ouvir é abrir um espaço em que o sujeito possa falar sem ser corrigido, reduzido ou silenciado, e que o ambiente institucional pode funcionar como espaço de sustentação, favorecendo a reorganização psíquica e a construção de confiança.

2.3 A ESCUTA COMO RESPOSTA ÉTICA

Essa aproximação, todavia, não dissolve a especificidade do pastoral, que possui um fundamento ético e dialógico irreduzível. Para Buber (1979), a escuta é o que constitui o outro como *Tu*, e não como *Isso*: somente na relação dialógica o interlocutor deixa de ser objeto de manejo e passa a ser presença que me interpela. Levinas (1980) radicaliza essa intuição ao situar a escuta como resposta a um apelo que me precede: o rosto do outro convoca-me a uma responsabilidade assimétrica, anterior a qualquer reciprocidade ou cálculo. A escuta pastoral, lida sob essa chave, não é extração de informação nem condução estratégica de uma alma, mas acolhimento de uma alteridade que me obriga. É essa assimetria ética, o primado do outro, que distingue a escuta espiritual de toda forma instrumental de escuta.

2.4 A ESCUTA COMO POSTURA EPISTÊMICA COMPREENSIVA

Há, por fim, uma dimensão metodológica que torna essa discussão particularmente pertinente para uma pesquisa de matriz pastoral-etnográfica. Em *A miséria do mundo*, Bourdieu (1997), no posfácio "Compreender", descreve a escuta atenta e metódica da entrevista como uma relação de comunicação não violenta, feita de disponibilidade ativa e de acolhimento, na qual o pesquisador se coloca a serviço da palavra do pesquisado. A proximidade dessa descrição com a postura pastoral não é casual: em ambos os

casos, escutar é uma forma de conhecimento que só se realiza pela suspensão do próprio interesse e pela construção de uma relação de confiança. É justamente nessa fronteira que se inscreve a articulação entre espiritualidade e escuta proposta neste estudo, pois a escuta do pastor-pesquisador é, simultaneamente, cuidado espiritual e modo de produção de saber.

Pode-se, então, propor uma síntese provisória: a escuta, pastoral, clínica ou institucional, integrada, num mesmo gesto, uma disposição disciplinada que renuncia ao protagonismo do que escuta (à maneira da atenção flutuante freudiana), um ambiente relacional sustentador (o *holding* winnicottiano), uma resposta ética ao apelo do rosto do outro (Levinas, Buber), uma mediação teológica entre o próximo e Deus (Bonhoeffer) e uma postura epistêmica compreensiva (Bourdieu). Não é, portanto, uma habilidade entre outras do ofício pastoral, mas a condição mesma de possibilidade do cuidado. É essa síntese teórica que orienta a leitura do relato de experiência apresentado a seguir.

3 METODOLOGIA

O relato que segue é de natureza qualitativa e descritiva, construído a partir da vivência profissional na direção de uma instituição de acolhimento para crianças e adolescentes na capital da Paraíba. A análise fundamenta-se na observação do cotidiano institucional, na escuta realizada pela equipe técnica e na interlocução com os referenciais teóricos apresentados na seção anterior, especialmente Freud e Winnicott.

O caso selecionado foi escolhido por seu caráter emblemático, pois evidencia a importância da escuta qualificada na compreensão de comportamentos inicialmente interpretados de forma equivocada no contexto institucional.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA E ANÁLISE

Em uma das situações vivenciadas na instituição, recebeu-se um adolescente proveniente do interior do estado, encaminhado pela Vara da Infância e Juventude da Capital. Como de costume, no momento do encaminhamento, realizou-se uma conversa preliminar com o adolescente, apresentou-se a equipe técnica, os educadores e os demais profissionais de apoio. Em seguida, foram apresentados os demais acolhidos, a estrutura da casa, o quarto e o espaço destinado aos pertences pessoais.

Ao longo da primeira semana, os educadores informaram que o adolescente insistia em dormir embaixo da cama, mesmo após receber explicações de que a cama estava reservada para seu uso. Certa manhã, o educador percebeu novamente que ele permanecia debaixo da cama. Diante disso, a psicóloga realizou uma escuta específica para compreender por que o adolescente continuava reproduzindo esse comportamento.

Durante a escuta, foi identificado que ele havia passado longo período dormindo na rua, embaixo de um caminhão, em sua cidade de origem, acordando apenas quando o motorista ligava o veículo e partia.

A partir dessa informação, a equipe técnica pôde compreender o comportamento do adolescente não como resistência ou desobediência, mas como expressão de uma experiência anterior de sobrevivência e adaptação à privação.

Diante disso, a equipe retomou a conversa com o adolescente, explicando novamente que a cama havia sido reservada para ele e que aquele seria o local adequado para o seu descanso. A partir daí, iniciou-se um processo gradual de adaptação, respeitando o tempo subjetivo do adolescente até que ele pudesse reconhecer a cama como um lugar seu.

Esse episódio demonstra que a escuta é fundamental desde o início do acolhimento de uma criança ou adolescente, para além dos relatórios técnicos produzidos pelo Conselho Tutelar, Ministério Público e Vara da Infância e Juventude. Trata-se de reconhecer que crianças e adolescentes são sujeitos de direitos, com histórias, marcas e modos singulares de significar a própria experiência. O caso ilustra, em ato, a própria fundamentação teórica proposta na seção anterior: a escuta como atenção flutuante que não julga apressadamente o comportamento observado, e o ambiente institucional como espaço de *holding* capaz de oferecer sustentação emocional, continuidade e confiança para que o acolhido possa reorganizar sua relação com o espaço e com os outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada evidencia que a escuta espontânea é uma ferramenta essencial no acolhimento institucional de crianças e adolescentes. Mais do que uma técnica, trata-se de uma postura ética e relacional que reconhece o sujeito como portador de história, sofrimento, desejos e direitos. A articulação entre a prática cotidiana e a psicanálise permite compreender que comportamentos aparentemente inadequados podem expressar experiências de privação, trauma e busca de proteção, e que o acolhimento institucional precisa sustentar um ambiente de confiança, respeito e continuidade, capaz de favorecer vínculos e promover o desenvolvimento integral.

Esse achado confirma, no plano empírico, a síntese teórica proposta neste artigo: a escuta — seja ela pastoral, clínica ou institucional — integra uma disposição disciplinada que renuncia ao protagonismo de quem escuta, um ambiente relacional sustentador, uma resposta ética ao apelo do outro e uma postura epistêmica compreensiva. Não se trata, portanto, de uma habilidade entre outras do ofício de cuidar, mas da própria condição de possibilidade do cuidado — o ponto em que espiritualidade, clínica e método se mostram, afinal, indissociáveis. Conclui-se que a escuta espontânea, quando integrada ao trabalho da equipe técnica e orientada por uma ética do cuidado, contribui para a efetivação dos direitos de crianças e adolescentes em situação de acolhimento.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. **Regra de São Bento**. Tradução de João Evangelista Enout. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1980.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. 8. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016.
- BOURDIEU, Pierre (coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 12, p. 123-133.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.
- NOUWEN, Henri J. M. **O curador ferido: o ministério na sociedade contemporânea**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- WINNICOTT, Donald W. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.